



A comunicação vai à escola: dificuldades e conquistas no experimento da Educomunicação.¹

Cândida de Oliveira²

Letícia Demoly de Mellos³

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), Ijuí, RS

Resumo

Esse artigo é resultado da experiência na implementação do projeto experimental “Educomunicação e práticas jornalísticas: criando um ecossistema de comunicação na Escola Agostinha Dill”. Utilizando como arcabouço teórico a Educomunicação, foram desenvolvidas oficinas para capacitar os alunos na produção de informações para alimentar três canais de comunicação, sendo estes criados, também, a partir do projeto: um jornal-mural, um blog e uma rádioweb. Os resultados obtidos tornam possível compreender como a comunicação pode ser utilizada na sala de aula, visando o aperfeiçoamento dos processos de ensino-aprendizagem, contribuindo para uma formação crítica e cidadã. Por outro lado, a experiência também revela dificuldades que precisam ser superadas em conjunto com a sociedade.

Palavras-chave

Educomunicação; Mídia; Escola; Cidadania; Jornalismo.

Considerações Iniciais

Não é difícil para futuros comunicadores pensar a comunicação como elemento essencial em processos de ensino-aprendizagem voltados à formação de cidadãos críticos. Porém, quando pensamos em um projeto que possa inserir a comunicação na escola, surgem algumas inquietações sobre a aplicabilidade e sobre os resultados desses trabalhos. Afinal, como podemos inserir a comunicação no ambiente escolar de forma efetiva? Como produzir conteúdos e criar canais de comunicação em que haja a participação de todos, sem com isso desprestigiar os trabalhos realizados pelos educadores? Como criar uma circunstância que estimule professores e alunos a produzir informações destinadas aos meios de comunicação, superando a condição de somente receptores? Como fazê-los participar do processo de construção da informação?

A partir dessas indagações, optamos por desenvolver um projeto experimental que propiciasse aos estudantes do Ensino Fundamental o contato com linguagens e

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Recém-graduada como Bacharel em Jornalismo, pela UNIJUÍ, e-mail: candy.ijui@gmail.com

³ Recém-graduada como Bacharel em Jornalismo, pela UNIJUÍ, e-mail: leticia_mellos@hotmail.com



formatos utilizados pelo jornalismo, a fim de incentivar a produção e difusão de informação na escola – espaço formal e legítimo da educação. Para dar sustentação teórica ao nosso trabalho, recorreremos aos estudos de Educomunicação.

Esse artigo é, portanto, resultado da experiência que tivemos enquanto organizadoras e participantes do projeto experimental “Educomunicação e práticas jornalísticas: criando um ecossistema de comunicação na Escola Agostinha Dill”. O projeto foi realizado nos meses de agosto, setembro e outubro de 2008 por um grupo de acadêmicos do Curso de Comunicação Social da UNIJUÍ, sob orientação do professor Mestre Paulo Ernesto Scortegagna⁴. Além de relatarmos essa experiência, apresentamos neste artigo pressupostos teóricos que nos ajudam a entender o que é a Educomunicação, bem como, a compreender como a comunicação pode ser utilizada no ambiente escolar visando contribuir para os processos de ensino-aprendizagem. Ao final, discorreremos sobre os resultados do projeto, apresentando as principais conquistas alcançadas e as novas questões que surgem a partir da experiência.

Mídia: fonte de conhecimento

Os meios de comunicação social, elementos integrantes e fundamentais para a produção e circulação de significados e sentidos, atuam sobre o imaginário dos sujeitos e ajudam a configurar os modos como a sociedade se organiza e se relaciona. Eles configuram e transformam o tecido social em vários âmbitos, constituindo novas formas de aquisição de saber, extrapolando métodos de ensino e aprendizagem mais tradicionais. Conforme afirma Maria da Graça Jacintho Setton (2005)

Se convencionalmente a educação exigia disciplina, silêncio, destreza em um único tipo de linguagem, a saber, a leitura e a escrita; se tradicionalmente somente os adultos na figura dos pais e dos professores detinham o conhecimento legitimado; se apenas os livros, as bibliotecas, os museus e os conservatórios de música asseguravam o caminho da cultura e da educação, hoje a informação e o saber estão pulverizados em várias linguagens disseminados em vários veículos e instituições produtoras de bens simbólicos (SETTON, 2005:62).

Hoje, é fundamental que a comunicação e a educação andem juntas com o objetivo de, sobretudo, permitir uma reflexão crítica. E não basta estar ciente do que a mídia veicula; para motivar uma atitude reflexiva sobre os significados das mensagens

⁴ Professor do Departamento de Estudos da Linguagem, Arte e Comunicação (DELAC), da UNIJUÍ.



veiculadas, o primeiro passo é possibilitar o conhecimento sobre o funcionamento da linguagem midiática, processo este que ocorre a partir de atividades práticas que agreguem valor aos métodos de ensino até então utilizados na escola.

A mesma autora destaca a importância da mídia no processo educativo. Segundo Setton (2005), os saberes difusos são veiculados em canais de rádios e TVs através de vários formatos: novelas, fascículos, programas didáticos, entrevistas, conselhos médicos, até quando a mídia opera com o humor. O formato em si não importa, pois as informações estão disponíveis a todos, fazendo dos meios de comunicação potenciais agentes educativos. Assim, agregá-los ao processo ensino-aprendizagem na escola, como método alternativo, é enriquecer e ampliar o conhecimento que o aluno adquire. É situar o cidadão como ser ativo e independente em condições de, com conhecimentos mais amplos, se inserir neste mundo contemporâneo e globalizado.

Conforme destaca Maria Aparecida Baccega (2002):

Não é possível ignorar o papel da mídia enquanto educadora, muitas vezes atuando mais do que a escola (...) Por outro lado, não é possível fazer ouvidos moucos ao papel do professor que, hoje, mais do que um “dador de aulas”, um “ensinador de conteúdos”, deverá ser o coordenador capaz de possibilitar que seus alunos “aprendam a aprender” (BACCEGA, 2002:48-9).

Nesse sentido, é preciso associar a comunicação com a educação para propiciar a formação de cidadãos críticos a partir da disseminação de conhecimentos que gerem saber, atitude, caráter. O essencial hoje é *aprender a aprender*. Vale destacar que atualmente o fato de saber usar a tecnologia da mídia implica em saber utilizar formatos, linguagens, equipamentos técnicos e tudo que esteja relacionado à produção midiática para produzir conhecimento e novas formas de interagir socialmente. Nesse sentido, aceitar aproximações entre os campos da educação e da comunicação, pensando o processo de ensino, é reconhecer o que nos esclarece Citelli:

... que as experiências videotecnológicas já estão na sala de aula, malgrado sob a forma de uma “não-presença”, pois tanto as crianças quanto os professores vivem em um espaço social mediatizado por mensagens televisivas, radiofônicas, jornalísticas, etc., capaz de provocar alterações nos comportamentos, criarem referências para o debate público, influenciarem a tomada de decisões, além de revelarem, muitas vezes, os próprios limites do discurso pedagógico. (CITELLI, 2002:107).



Os meios de comunicação são mediadores, dentre outros dispositivos, dos processos de ensino-aprendizagem no ambiente escolar. A escola não pode ignorar as transformações que ocorrem no tecido social em função da mídia e das tecnologias de informação. Alunos e professores estão inseridos nessa teia. Os conteúdos expostos pela mídia e os recursos tecnológicos de nosso tempo podem servir de parâmetros para realização de debates e práticas na sala de aula, ampliando as fronteiras do discurso pedagógico. Inserir as tecnologias de informação e dos meios de comunicação na escola pode ajudar, ainda, na aproximação entre educador e educando. Podemos exemplificar com situações experimentadas no projeto quando o professor, ao abrir espaço para debater sobre a cultura presente na realidade cotidiana, fora da escola, percebe-se instaurando um diálogo com os alunos sobre assuntos que efetivamente os mobilizam. Dessa forma, a escola conseguirá apresentar-se como um espaço em que é possível aprender e interagir.

Todavia, se nos reportamos à escola iremos perceber processos distintos, graves lacunas, pois nem todos os agentes educacionais possuem conhecimento sobre a relação entre comunicação e educação. Quando observamos iniciativas no sentido de inserir a mídia na sala de aula, muitas delas se limitam a análise dos conteúdos, o que pode resultar em interpretações errôneas a respeito do próprio processo da comunicação.

Segundo Baccaga (op.cit.), quando se fala em comunicação no mundo globalizado e contemporâneo, pensa-se logo na mídia e no processo “emissor > mensagem > receptor”. Mas a comunicação é muito mais do que isso. Conforme argumenta a autora, trata-se da construção de significações e sentidos que pautam a vida cotidiana, por meio da circulação de múltiplos saberes, presentes na construção simbólica, na percepção do mundo e nos processos de socialização em geral.

Assim, se por um lado percebemos que a mídia expõe informações que levam a uma má formação, precisamos considerar os meios de comunicação como alternativa para superar essa condição. Direcionando um olhar pra a infância, para as crianças que estão em processo de formação inicial, entendemos que o debate na escola, sobre os assuntos divulgados na mídia poderia ser uma possibilidade de superação, funcionando como forma de filtrar as mensagens para tornar mais compreensível para as crianças os significados e sentidos ali produzidos. Mas o que observamos? O que nos esclarece a experiência na implementação do projeto?

Geralmente no âmbito escolar – principal espaço de discussões e compreensão dos fenômenos da vida – esses assuntos são silenciados, ignorados. Segundo Ismar de



Oliveira Soares (2005:54) “... a educação tem sido tomada, cada vez mais, como uma mercadoria sujeita as leis da oferta e da procura”. Ou seja, investe-se em educação sob a condição de se obter lucros e segue-se repetindo modelos que já mostraram que não correspondem as necessidades de aprendizagem. Nestas circunstâncias, não podemos visualizar as condições necessárias para o ensinar e para o aprender nas redes de ensino.

Diante disso, sem dúvida uma das mudanças necessárias é a inserção da comunicação no espaço escolar, não apenas como forma natural de interação social, mas como estrutura midiática presente no cotidiano que exige reflexões e análises. Crianças e jovens em uma experiência de Educomunicação são tomados como observadores ativos, como agentes que produzem significações e sentidos, ao interagirem com os conteúdos que os meios de comunicação social oportunizam. Pensamos que a Educomunicação pode ajudar a constituir uma educação sólida e eficaz em termos de conhecimento-aprendizagem.

Educomunicação: espaço de cidadania

A Educomunicação surge para ser explorada, tanto por comunicadores como por educadores, colocando em debate, por exemplo, o modo como as informações chegam até as crianças e os efeitos que geram nas formas de convivência no social. Suas práticas representam maneiras de interagir com alunos, a fim de desmistificar os meios de comunicação e analisar os alcances por eles obtidos. Além disso, potencializa a participação e o engajamento dos mesmos no processo de construção das informações que podem ser divulgadas pelos meios.

Soares (2001 e 2005) explica que a associação entre comunicação e educação vem sendo discutida desde a década de 50 por teóricos e estudiosos da América Latina, como Paulo Freire, Mário Kaplún, Jesús Martín Barbero e Francisco Gutiérrez. No entanto, é a partir de 1990 que esse debate se amplia e se torna mais efetivo em universidades, associações de profissionais de comunicação e ONGs de países latino-americanos. Busca-se criar uma proposta alternativa para a formação de comunicadores. Essas pessoas trabalharam com referenciais teóricos e metodológicos de várias áreas das ciências humanas e acabaram constituindo um movimento social em torno da cidadania, da democracia e em torno da luta para quebrar a hegemonia dos sistemas estabelecidos. Por isso, conforme explica o autor, a Educomunicação é uma convergência, não apenas entre educação e comunicação, mas entre todas as áreas das ciências humanas. E é vista



como fruto de uma prática interativa, tendo como força a busca da cidadania pela participação.

Todavia, de acordo com Soares (2005), o conceito e o termo só foram adotados durante o Fórum Mídia e Educação, realizado em São Paulo no ano de 1999 pelo Ministério da Educação e outras organizações da sociedade civil. Este fórum situa e reconhece a Educomunicação “... como um novo campo de intervenção social e atuação profissional, considerando que a informação é fundamental para a Educação” (idem, 2005:113-4). Distingui-se que a informação pode ser trabalhada de forma mais apropriada, pertinente e efetiva por profissionais que atuem inter-relacionando o campo da comunicação e da educação, ou melhor, instituindo a Educomunicação que é, portanto, entendida como:

... o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, produtos e programas destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e rádio educativos, centros produtores de materiais educativos analógicos e digitais, centros coordenadores de educação a distância, ou “*e-learning*”, e outros... (SOARES apud SOARES, 2005:115).

A partir deste debate, verificamos que existem várias possibilidades de espaços para o desenvolvimento de trabalhos educacionais. Tendo como ação norteadora a geração de ecossistemas educativos mediados por processos de comunicação e pelo uso de tecnologias de informação, verifica-se como resultado o acesso democrático às formas de produção e difusão de informações, o que promove a expressão comunicativa da comunidade escolar. Nesse sentido, percebemos que a Educomunicação tem como ensejo valores como igualdade, liberdade, transparência e inventividade, tanto nos processos de recepção como na produção de informações. Destacamos a importância e necessidade de envolvimento e interação entre vários agentes sociais em prol de um objetivo maior, a implementação de situações de ensino-aprendizagem significativas, processos estes em que os alunos das escolas se percebam sujeitos produtores de informação.

Atualmente é possível identificar projetos em três áreas: 1) *educação para a comunicação*; 2) *mediação tecnológica na educação*; 3) *gestão da comunicação e da informação pelo uso educativo de tecnologias*. A primeira área baseia-se nos estudos de recepção, voltando-se para as reflexões em torno da relação entre produtores, meios e consumidores da informação. Ela busca desenvolver programas pedagógicos para a “...



formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios” (SOARES, 2005:117, grifos do autor). Essa abordagem apresenta as tecnologias e linguagens da comunicação como instrumentos que constroem o pensamento e as formas de diálogo com a realidade, e, como estruturas indispensáveis para a constituição do indivíduo, das comunidades e da cidadania. Ela busca ensinar aos alunos como lidar com conflito, poder, ideologia, negociação, entre outras condições que envolvem a comunicação.

A segunda área compreende “... *o estudo das mudanças civilizatórias decorrentes da incidência das tecnologias no cotidiano das pessoas e grupos sociais, assim como o uso das tecnologias da informação nos processos educativos*” (SOARES, 2005:119, grifos do autor). Conforme explica o autor, permite-se ao aluno compreender os processos globais de apropriação do saber, recebendo e oferecendo informações através das tecnologias de comunicação e informação disponíveis na sociedade. Do mesmo modo, amplia possibilidades de expressão e de produção cultural, bem como promove a interatividade e uso dos meios para aquilo que se tem interesse.

A terceira e última área é caracterizada “... *pelo planejamento, execução e realização de programas e projetos que se articulam no âmbito da Comunicação / Informação / Educação, criando e implementando ecossistemas comunicacionais*” (SOARES, 2005:125, grifos do autor). Esses ecossistemas podem ser construídos intencionalmente a partir da vontade de agentes sociais. Nessa perspectiva, a Educomunicação institui desde a organização do ambiente até o conjunto de ações que caracterizam determinados tipos de ação comunicativa, tudo para provocar a participação e a criatividade.

O princípio básico que sustenta a Educomunicação é, segundo Soares (op. cit.), a relação dialógica e problemática entre comunicação e educação, para permitir a “... criação de ecossistemas comunicativos abertos e eticamente comprometidos, cuja finalidade é a formação da competência comunicativa dos cidadãos” (2005:115). A partir do que nos esclarece a autora podemos considerar que a Educomunicação deva buscar a criação e o desenvolvimento de canais difusores de informações e conhecimento no ambiente escolar, alimentados pelos próprios alunos e professores.

Neste sentido, é fundamental desenvolver metodologias no sentido de aperfeiçoar práticas de ensino na escola, situando os meios de comunicação como suportes que favorecem os processos de aprendizagem, um importante trabalho a ser desenvolvido por educadores. Todavia, Flogi (op. cit.), alerta para o fato de que



... a Educomunicação deve ser introduzida nos espaços educativos a partir das condições específicas que caracterizam os diferentes ambientes, e, especialmente a partir das alianças possíveis de serem feitas entre os agentes sociais que atuam em determinado espaço educativo (FLOGI, 2005 n.p.).

Desse modo, é preciso vislumbrar, principalmente, os benefícios que esse trabalho pode gerar e não limitar-se aos aspectos técnicos e estruturais. Cientes de que as condições técnicas e estruturais disponíveis no educandário, bem como as relações com professores e alunos, é que norteariam a viabilidade e realização de nosso projeto, configuramos o projeto experimental “Educomunicação e práticas jornalísticas, criando um ecossistema de comunicação na Escola Agostinha Dill”, o qual passa a ser detalhado a partir de agora.

O projeto e a prática: encontros e desencontros

A Escola Estadual de Ensino Médio Agostinha Dill está localizada no município de Condor – município da Região Noroeste do Rio Grande do Sul, com pouco mais de 6,5 mil habitantes. Ao final de 2008, o educandário atendia aproximadamente 700 alunos, desde a educação básica até o ensino médio, contando com 38 professores e funcionários. A estrutura física da escola está instalada sobre uma área de dois hectares, contando com 14 salas de aulas dispostas em quatro prédios. Ainda existem laboratórios de ciências, vídeo e informática, além de biblioteca, ginásio poliesportivo, praças de recreação e refeitório, entre outras dependências administrativas. Dentre as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola, destacam-se os trabalhos realizados a partir de oficinas de artes e projetos extracurriculares de cunho social, envolvendo teatro, danças, conscientização ambiental, informativo em jornal local etc.

Antes de desenvolvermos o projeto, soubemos por intermédio de um colega que alguns discentes buscavam a instalação de uma rádio-escola que funcionasse em ambiente virtual. Fomos ainda informados de que o informativo semanal da escola era organizado e produzido por um grupo formado por seis alunos, alguns do ensino médio e outros do ensino fundamental. Integrantes desse grupo começaram a demonstrar interesse em desenvolver capacidades técnicas para operar os equipamentos radiofônicos que a escola possuía (uma mesa de som acoplada a um computador). O número de integrantes começou a ficar insuficiente para dar conta da demanda desses dois canais difusores de informação.



A partir deste momento e, recorrendo aos pressupostos da Educomunicação, buscamos desenvolver e realizar o projeto experimental em quatro etapas: 1) elaborar um plano de atividades⁵ após levantamento de informações sobre recursos que a escola podia oferecer; 2) realizar oficinas de comunicação e técnicas jornalísticas para produção de notícias em rádio, jornal impresso e internet; 3) criar, junto com alunos, três canais de comunicação – um blog, um jornal-mural e uma rádio-escola – para veicular as notícias e informações produzidas nas oficinas; 4) produzir um registro audiovisual das atividades do projeto a fim de socializar as informações e os resultados obtidos.

O projeto experimental tinha como objetivo destacar a importância da Educomunicação no ambiente escolar, apresentando-a como método que auxilia nos processos de ensino-aprendizagem e, portanto, na formação de cidadãos críticos. Lembramos que, conforme os pressupostos da Educomunicação, na medida em que podemos compreender as linguagens midiáticas e ter acesso aos recursos tecnológicos utilizados pela mídia, as probabilidades de nos tornarmos pessoas mais críticas, mais atuantes na defesa de nossos próprios interesses, aumentam. Buscamos, assim, desmitificar a produção jornalística e a sua aplicabilidade, bem como, incentivar o uso dos meios alternativos para comunicação no ambiente escolar.

Especificamente, buscamos desenvolver na Escola Agostinha Dill uma prática que pudesse ser vinculada aos demais métodos didático-pedagógicos utilizados no espaço escolar, com a finalidade de contribuir para elevar o nível de aprendizagem dos alunos da educação básica. Para tanto, buscamos envolver alunos de 5ª a 8ª série na realização do projeto, dividindo-os em três grupos, os quais que teriam orientações sobre técnicas de captação e produção de informações em formato de notícias, através

⁵ Este plano deveria conter, segundo Consani (2007): 1) *Nome* do ecossistema escolar de comunicação (definindo também a identidade dos veículos que serão trabalhados); 2) *Concepção*: definição sucinta da natureza e do alcance do que se planeja, bem como a quem, ou ao que é destinado; 3) *Justificativa*: descrição da demanda ou necessidade que se visa atender na escola; 4) *Objetivos*: devem ser amplos e abrangentes, sendo avaliados no término do trabalho. Devem ser qualificados como “cumpridos” e “não cumpridos”. Podem ser gerais (associados ao projeto pedagógico) e específicos (tarefas a serem cumpridas em consonância como objetivo geral do projeto); 5) *Metas*: mensuráveis, devem ser viáveis. Ex. Quantos alunos serão beneficiados, durante quanto tempo, quantas horas de produção radiofônica por semana etc.; 6) *Desenvolvimento*: cronograma e descrição das atividades; 7) *Recursos* materiais: equipamentos; bens consumíveis, etc (verificar configurações possíveis e alternativas, bem como propostas de orçamentos - delegar); recursos humanos: equipe de trabalho e organização, devendo atender a um organograma, em que cada um terá definido suas tarefas; 8) *Conselho gestor*: definição dos representantes e suas atribuições; 9) *Avaliação*: não tem necessidade de ser associada a avaliação de desempenho dos alunos, mas os responsáveis pelo projeto poderão avaliar se as tarefas foram concluídas ou não; 10) *Registro*: forma de documentação das atividades, que irão formar o Memorial do Projeto, com relatórios escritos, fotos, gravações, vídeos, depoimentos, etc.



de oficinas ministradas pelos três acadêmicos do curso de comunicação, participantes e organizadores do projeto. A tentativa de envolver, preferencialmente, alunos que apresentassem dificuldade em sala de aula não prosperou, de modo que optamos por fazer uma pesquisa de campo, visando identificar quem tinha ou não interesse em participar. Essa pesquisa foi realizada em horário de aula, durante um turno de trabalho, no qual puderam ser convidados, aproximadamente, 200 alunos de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Destes, mais de 60 demonstraram interesse em participar.

O fato de a escola já possuir um grupo de estudantes envolvidos nos processos de comunicação nos levou a formar um grupo de apoio que, mais tarde, se tornaria responsável pela operacionalização dos canais a serem criados. Essa equipe de estudantes auxiliou na definição do nome do ecossistema, bem como na organização das atividades de forma mais geral. Para orientá-los, realizamos alguns encontros, à tarde, nos quais repassamos as técnicas para produção de informações jornalísticas trabalhadas nas oficinas realizadas pela manhã e técnicas para diagramação das informações no jornal-mural e no blog, bem como para a produção e edição de programas sonoros, utilizando os programas *PageMaker*, *Word*, *Internet Explorer* e *Sound Forge*.

Conforme havíamos planejado no orçamento e custos do projeto, utilizamos para realização das oficinas e implementação dos veículos, os recursos que a escola ofereceu: laboratório de informática com acesso à internet, uma sala de aula equipada com cadeiras e classes, lousa, giz e com espaço para aproximadamente 50 alunos, *data-show*, caixas de som e microfone, câmera fotográfica, entre outros materiais de apoio.

A idéia de criar e manter, junto com os alunos, três canais de comunicação – um blog, um jornal-mural e uma rádio-escola em ambiente virtual – tinha como objetivo conquistar novos espaços de comunicação no ambiente escolar, espaços estes criados, organizados e mantidos pelos próprios estudantes. Quanto à periodicidade dos canais, estes tiveram de ser adequados quando a produção de informações estruturadas em forma de matérias jornalísticas para os três meios tornou-se efetiva. Verificamos, no entanto, que a realidade não dava conta de pretensões, ingenuamente impraticáveis, principalmente para a rádio-escola, que acabou sendo reduzida a três programas radiofônicos, com duração de 30 minutos cada, em função de que acarretaria despesas extras e devido à desistência por parte dos alunos que ficaram responsáveis por operacionalizá-la. A perspectiva de atualizar o blog semanalmente, também não foi possível, adequando-se para quinzenal. O jornal-mural foi o único que manteve a periodicidade conforme o planejado: resultou em três edições quinzenais, com 5



exemplares distribuídos em dois corredores, refeitório, áreas de lazer e secretaria. Buscamos, conforme o planejado, anexar o jornal-mural, em locais de fácil acesso e de boa visibilidade; onde as pessoas tinham espaço suficiente para lerem as notícias, sem perturbar a movimentação interna ou fazer aglomerações em locais não indicados.

O mote principal do projeto era a produção jornalística, em formatos sonoros e gráficos, sendo este último constituído de texto e imagem fotográfica. Para tanto, técnicas de redação, fotografia, expressão oral, planejamento gráfico, entrevistas, programação musical, estrutura da notícia, entre outras, englobaram as atividades desenvolvidas durante as oficinas, conforme o planejado no projeto experimental. Para dar sustentação às técnicas desenvolvidas, realizamos, constantemente, pesquisas bibliográficas. O estímulo à pesquisa e à produção de informações a fim de nutrir esses canais, outro objetivo específico do projeto, era uma constante nos debates promovidos durante as oficinas.

Tínhamos, ainda, o desejo de que, após o término do trabalho desenvolvido pelo grupo acadêmico, a escola mantivesse os meios de comunicação criados e desenvolvidos pelos alunos. Entretanto, a idéia de realizar oficinas para os discentes, visando orientá-los tecnicamente para adequar conteúdos que estivessem sendo vistos dentro da sala de aula com técnicas de produção jornalística, de modo que, mais tarde, eles pudessem dar continuidade aos trabalhos do projeto, não se efetivou.

Inicialmente, realizamos contatos com os professores que demonstraram interesse pela proposta, a fim de verificar a viabilidade de implementação do projeto na escola. Por meio destes contatos foi possível coletar as informações sobre condições e aparatos técnicos no educandário, bem como recursos humanos disponíveis para formação de uma equipe capaz de dar conta de atender as necessidades e demandas do projeto. Conforme havíamos planejado, também apresentamos o projeto à direção, obtendo aprovação e apoio. Na sequência, o projeto foi apresentado aos professores, os quais se mostraram muito entusiasmados e também nos deram apoio. Aproveitamos a oportunidade para ressaltar a importância da Educomunicação no contexto escolar, e, a partir disso passamos a executar o projeto com a participação dos alunos.

Acreditávamos que todos os envolvidos deveriam ter as mesmas informações do projeto, compartilhar os mesmos objetivos etc. Inclusive, entregamos uma cópia do projeto para a escola, possibilitando que os professores e alunos pudessem consultar o projeto sempre que necessário. Todavia, o plano de atividades era a chave principal para a eficácia do projeto. Embora no projeto constasse a descrição sucinta de itens como



objetivos, cronograma e atividades, o plano poderia descrever todas as informações de forma mais detalhada e específica. Infelizmente, essa etapa não foi efetivamente concluída. Chegamos a desenvolver alguns itens durante a execução do projeto. Junto com a equipe responsável pela operacionalização, conseguimos definir um nome que identificaria o ecossistema de comunicação que estava sendo construído através do projeto. Os três canais e seus membros foram denominados GEADCOM – Grupo Escolar Agostinha Dill de Comunicação. Inclusive, um conjunto de logomarcas foi criado para identificar o grupo, sendo estas utilizadas no blog e no jornal-mural.

Sabíamos, desde o início que, pela natureza de nosso projeto (essencialmente institucional e financiado com recursos próprios – nossos e da escola) conseguiríamos atingir, no máximo, a comunidade escolar. E, de fato, esse era o público que buscávamos atingir, pois eram os principais destinatários de nosso projeto. Surpreendeu-nos a construção de parcerias com veículos de comunicação locais (jornais e rádios) e empresas que financiaram a divulgação das produções sonoras e do jornal-mural. A rádio comunitária de Condor contribuiu para a divulgação dos programas radiofônicos elaborados pelos alunos, rodando-os na íntegra durante sua programação. Essa foi uma alternativa buscada, tendo em vista que a implementação de uma rádio-escola em ambiente virtual tornou-se inviável para a escola Agostinha Dill, conforme mencionamos anteriormente.

Um dos aspectos que não avaliamos foi o atendimento as demandas da escola. Na época, ela necessitava de mais recursos humanos para viabilizar a produção e edição de informações nos dois canais de comunicação, um que já estava em funcionamento (o informativo) e outro que estava para ser criado (rádio-escola em ambiente virtual). Se considerarmos que essa era a principal demanda, não só capacitamos mais alunos para produzir informações e manter canais de comunicação na escola, como também criamos e oferecemos outras possibilidades através do jornal-mural e do blog.

Embora não tenhamos definido metas específicas, conseguimos atingir toda a comunidade escolar, seja através da participação em oficinas, ajudando a alimentar e manter durante três meses os canais de comunicação criados; seja através de entrevistas cedidas aos alunos participantes que asseguravam, ao interpelar professores, pais, funcionários da escola e outros alunos, o caráter jornalístico da informação. Ainda, as produções foram divulgadas nos canais criados, estando estes disponíveis para toda a comunidade escolar e, no caso do blog, para quem quisesse acessar por meio do site: www.geadcom.wordpress.com. Os pais dos alunos participantes das oficinas também



puderam apreciar o trabalho desenvolvido por seus filhos em nosso último encontro. Foi realizado um evento de confraternização para marcar o encerramento do projeto, momento em que foram entregues certificados aos estudantes que participaram até o final, como forma de incentivo e reconhecimento.

A principal dificuldade durante a realização do projeto foi de mobilidade, já que tínhamos que realizar as oficinas no turno da manhã – turno inverso ao das aulas – e dependíamos de ônibus intermunicipal para nos deslocar de Ijuí a Condor. Por isso, tivemos que adequar o cronograma, reduzindo o prazo para realização do projeto para três meses. Durante esse período fomos todas as semanas para a escola, ao menos uma vez para desenvolver as oficinas e orientar a operacionalização dos veículos que começaram a ser editados, efetivamente, no final do segundo mês do projeto. A continuidade nesta construção era considerada essencial no estabelecimento de um vínculo de confiança com professores e estudantes.

Outra dificuldade refere-se à organização de atividades e delegação de tarefas para a equipe responsável por operacionalizar os canais. Percebemos, no decorrer das atividades, que se os estudantes não fossem acompanhados diariamente, logo demonstrariam interesse por outras atividades, resultando na desistência do projeto. Ao final tínhamos um grupo 25 participantes. Avaliamos que este processo ocorreu porque não conseguimos formar na escola um conselho ou comitê gestor para dar sequência às atividades e orientar o trabalho que estava sendo realizado. Acreditamos que houve resistência por parte dos professores, em função do ritmo de atividades que estava sendo desenvolvido na escola e devido à carência de discentes para dar conta dessas “outras” atividades.

Ao olharmos novamente para a experiência realizada, podemos considerar que os objetivos gerais do projeto foram alcançados. Os estudantes que participaram efetivamente mostraram-se interessados e comprometidos com as idéias. Trabalharam intensamente na produção de informações, o que permitiu criar e desenvolver os três canais de comunicação inicialmente propostos. Mas, sobretudo, puderam expressar suas opiniões a respeito da prática que lhes possibilitou desenvolver várias atitudes, habilidades e capacidades, tais como iniciativa, curiosidade, criatividade, interesse pelos acontecimentos públicos e locais, interlocução e interação junto a outras pessoas, manuseio de programas no computador para pesquisa, para digitação e organização de textos, técnicas fotográficas, etc. O grupo acadêmico registrou todas essas conquistas



através de fotos e imagens audiovisuais durante o projeto e elaborado, ao final do mesmo, um vídeo-documental de aproximadamente 13 minutos.

Contudo, apesar das práticas desenvolvidas durante o projeto terem se revelado potencialmente criativas e educativas, estas não puderam ser incorporadas como métodos de ensino na escola. Após o final do projeto, os alunos e professores se depararam com as restrições econômicas do educandário que podem não potencializar estas práticas, tendo em vista que se trata de uma escola mantida pelo estado. O jornal-mural não continuou devido aos custos de impressão e a rádio-escola não foi efetivada, também, em parte, porque a escola teria que adquirir outros equipamentos. O blog foi o único canal de comunicação que os alunos mantiveram em funcionamento após o final do projeto, todavia, a última atualização foi em dezembro de 2008, prova de que o trabalho não teve continuidade, pelo menos, não nos moldes do projeto que desenvolvemos.

Considerações finais

Muitos profissionais em educação não sabem como a comunicação pode ser utilizada em sala de aula de forma a agregar no processo de ensino-aprendizagem. Outros profissionais, com visão conservadora sobre a prática pedagógica, criam barreiras para inserir a comunicação e mídias nas aulas. Quando são realizadas atividades desta natureza, os profissionais da escola limitam-se a analisar os conteúdos midiáticos, produzindo uma visão errônea do que se propõe a mídia, pois a responsabilizam pelos problemas que acontecem na sociedade, o que resulta no afastamento e indeferimento da importância da comunicação social no contexto escolar.

É importante destacar, nesta perspectiva, que a Educomunicação ultrapassa a questão de análise de conteúdo da mídia para tratar a comunicação como elemento essencial para apropriação de conhecimento e formação de cidadãos críticos frente aos sistemas estabelecidos na sociedade. Dentre as metodologias utilizadas em trabalhos de Educomunicação, destacamos a utilização de canais de comunicação no ambiente escolar, criados e desenvolvidos pelos próprios alunos e professores.

As transformações que resultam dessa experiência, sem dúvida são enriquecedoras. O cultivo de relações simétricas e bidirecionais entre educando e educadores; o compartilhamento de situações e processos criativos para a construção do conhecimento; a transversalidade do discurso no sentido de se conduzir a um



pensamento transdisciplinar, o qual libera o fazer educativo dos cânones ritualizados, das grades curriculares engessadas e de todo um conjunto de procedimentos regimentais anacrônicos; e, finalmente, a devolução da centralidade da dimensão afetiva a educação, utilizando-se para isso a expressão comunicativa através da arte, são exemplos de resultados que podem ser obtidos com a Educomunicação.

Salientamos, contudo, que existe a necessidade de se criarem políticas efetivas que garantam recursos para que a Educomunicação possa ser praticada na escola. E há, também, necessidade de disseminar os pressupostos de tais práticas. Aprendemos que, com amplo conhecimento e apoio, projetos de Educomunicação poderão vingar e resultar naquilo que se espera: a formação de pessoas críticas e cidadãs.

Referências bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação e educação. In: FÍGARO, Roseli (org). *Gestão da Comunicação: no Mundo do Trabalho, Educação, Terceiro Setor e Cooperativismo*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 47 à p. 52.

CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: aproximações. In: BACCEGA, Maria Aparecida (org). *Gestão de Processos Comunicacionais*. São Paulo: Atlas, 2002. p. 101 à p. 112.

CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007. 187 p. (Coleção como usar na sala de aula)

FLOGLI, Marcelo. *A produção de audiovisual à luz da educomunicação*. 2005. Disp. em: <<http://www.midiativa.org.br/index.php/midiativa/content/view/full/2062/>> Acesso em 25.06.07.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A educação popular no Brasil a partir da cultura de massa: uma abordagem sociológica. In: FÍGARO, Roseli (org). *Gestão da Comunicação: no Mundo do Trabalho, Educação, Terceiro Setor e Cooperativismo*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 61 à p. 73.

SOARES, Ismar de Oliveira. A educomunicação como processo de gestão participativa. In: FÍGARO, Roseli (org). *Gestão da Comunicação: no Mundo do Trabalho, Educação, Terceiro Setor e Cooperativismo*. São Paulo: Atlas, 2005. p. 53 à p. 59.

_____. *Caminhos da Educomunicação*. São Paulo: Salesianas, 2001.